

CRISE NO CONGRESSO



Em depoimento de sete horas e meia, Arruda tenta amenizar a gravidade da violação do painel do Senado e redistribuir responsabilidade pelo episódio

'Não roubei, não desviei dinheiro público'

BRASÍLIA - O senador José Roberto Arruda (sem partido-DF) tentou minimizar ontem, diante do Conselho de Ética e Decoro Parlamentar, a gravidade da violação do painel de votação do Senado, afirmando ter cometido apenas um deslize regimental, que não deveria colocar em risco o seu mandato. "Não roubei, não desviei dinheiro público", disse.

Em um depoimento de sete horas e meia, ele apresentou uma terceira versão para o escândalo, tentando redistribuir a responsabilidade pelo ato ilegal: desmentiu parte das versões da ex-diretora do Serviço de Processamento de Dados do Senado (Prodasen) Regina Célia Peres Borges e do ex-presidente do Senado Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA). Mas foi traído pela confirmação de uma ligação da funcionária para o seu telefone celular na manhã em que o Senado cassou o mandato de Luiz Estevão.

Ele sustentou que a violação do painel foi fruto de uma ação voluntária da ex-diretora do Prodasen, que teria entendido errado o que era uma simples consulta. O ex-líder do governo garantiu não ter mostrado o documento ou comentado o assunto com o presidente Fernando Henrique Cardoso. Esclareceu a que fatos se referia quando disse que foi leal ao governo em momentos mais graves e criticou o PSDB. "Quando tinha o caso Marka e FonteCindam, que eu achei gravíssimo, ouvi as explicações, me convenci e defendi o governo", afirmou. "É ruim para o partido (tê-lo abandonado), pois fica com a imagem de desleal e precipitado." Leia os principais trechos:

O PEDIDO DE ACM

"Há uma conversa específica que tivemos que foi o ponto inicial da motivação da ação que se discute. Esse encontro foi na sala dele (senador Antonio Carlos Magalhães) e eu me recordei bem. Havia uma conversa, naqueles dias, de que o ex-senador Luiz Estevão, através de um assessor, dizia que ficava sabendo dos votos, usava isso como uma certa forma de pressão. Isso gerava uma preocupação com a segurança. Nessa conversa, ele disse o seguinte, mais ou menos: 'Esse negócio de votação secreta é para inglês ver, todo mundo sabe tudo.' Ele disse: 'Acho que os técnicos do Prodasen devem saber na hora.' Lembro que perguntei: 'Mas será que é assim?' Aí ele falou: 'Arruda, você que é engenheiro, você entende desse negócio de computador, esse troço todo mundo fica sabendo.' Eu disse: 'É possível.' Aí ele me disse: 'Você poderia perguntar para a doutora Regina, como é que isso funciona.' Aí eu disse: 'Mas eu posso consultar a doutora Regina em seu nome?' E me lembro bem que ele repetiu: 'Pode falar com ela em meu nome.' Essa é a conversa inicial, sobre a qual não tenho a menor dúvida."

O ENCONTRO COM REGINA

"Eu estava com o senador Antonio Carlos, que me pediu para lhe fazer uma consulta. O que se comenta é que todo mundo fica sabendo do resultado, que esse computador é igual a um queijo suíço. Não foram essas as expressões, mas esse é o sentido. Como é que isso funciona? Ela deu uma explicação: 'Esse computador é afastado lá do Prodasen, por isso eu, Regina, não entendo muito dele.' 'Acho que não é', ela disse. Essa é frase dele (ACM) no depoimento e o que eu recordei do espírito do que ela falou. Mas o que se comenta, e nós achamos, é que todo mundo fica sabendo. A senhora tem como verificar isso? Porque, se for possível, o senador Antonio Carlos quer saber. A conversa está clara. Quando nós conversávamos sobre se era possível ter essa informação ele (ACM) pediu para eu perguntar para ela se era possível. E eu perguntei se era possível. E acabou. A resposta a isso ela mesma diz: 'Quando fi-

quei de dar o retorno para ver se era possível.' E ela fez durante a noite sem dar retorno. A preocupação que movia o ato era uma preocupação nascida da segurança, da lisura do pleito, certo? Ela poderia ter trazido várias informações. Por hipótese: o sistema não admite falha, o sistema não admite o conhecimento disso e, portanto, zero de preocupação. O sistema admite e eu, como técnico no assunto, proponho que se faça uma lista, que se guarde para que haja comprovação posterior e outras hipóteses. Agora, quero dizer com franqueza, com verdade, que isso não foi conversado. Não posso responder pelo entendimento que ela teve, mas que não foi conversado no detalhe não foi."

A ENTREGA

"No dia da votação, à noite, ou no fim de tarde, recebi uma ligação da doutora Regina, eu atendi. Ela disse: 'Senador Arruda, estou aqui perto da biblioteca e tenho uma coisa para lhe entregar, para o senador Antonio Carlos. Como faço?' Neste momento, a minha sensação era de que aquela consulta que eu havia feito de alguma maneira... Ela tinha o resultado da votação. Não vou negar isso. Tinha gente na minha sala e falei: 'Você pedir ao doutor Domingos (Lamoglia) que desça aí e pegue com a senhora.' Ele desceu, pegou, voltou com o envelope, era realmente um envelope pardo. Logo abri o envelope e tirei (a lista) e aí é um detalhe que me foga muito: não tenho certeza se era uma ou duas páginas. Lembro que vi, e era um papel normal, a impressão bem escura e tinha o nome dos senadores, se não me engano, por ordem alfabética, com o voto na frente. Não tinha cabeçalho nem identificação de que votação teria sido. Puxei a folha, não tirei totalmente do envelope, e enfiei a folha novamente. Encerrei aquela conversa no meu gabinete e saí em direção ao senador Antonio Carlos."

A REAÇÃO DE ACM

"Acho que a primeira reação, para ser franco, quando recebi o envelope no meu gabinete, confesso que me queimou a mão, ok! Fui correndo lá no Antonio Carlos, ficou com ele. Quando entreguei para ele, vou ser honesto, tanto a primeira reação dele quanto a minha, que acabei só vendo em detalhes com ele, foi de curiosidade. O diálogo que se passou foi exatamente aquele revelado por ele (ACM) aqui: 'Você está sentado? Olha aqui que coisa. A doutora Regina mandou entregar isso aqui.' Ele tirou a página ou as páginas, leu tudo e fizemos juntos alguns comentários. Foi uma conversa relativamente rápida."

O TELEFONEMA DE ACM

"Eu disse: 'Senador, por favor, agora liga para a doutora Regina e diz que está na sua mão.' Ele foi ao telefone para apertar o botãozinho que fala com a secretária. Por qualquer razão não apertou. Eu fui em direção à porta e disse para uma das secretárias: 'Olha, o senador Antonio Carlos quer falar com a doutora Regina do Prodasen.' A ligação foi completada para o telefone do senador. Ele pegou o telefone e teve com ela uma conversa rápida. Não tenho idéia das frases. Tenho, no entanto, a mesma convicção da doutora Regina. O telefonema foi claro: 'Recebi, está aqui, você não fez nada de errado. A segurança está preservada.' Não me lembro das palavras, mas o que me lembro do telefonema é que ficou claro: primeiro que ele (ACM) havia recebido (a lista de votação), segundo que ele a cumprimentava pelo pleito ter se dado corretamente, pelo sistema ter funcionado com segurança, por não ter tido nenhum tipo de desvio. Ele a cumprimentava:



Depois do anúncio da violação do painel, comprovada por laudo da Unicamp, o senador José Roberto Arruda manifestou-se no plenário e chegou a apresentar alibis para tentar mostrar que o encontro com a ex-diretora do Prodasen Regina Borges não teria ocorrido:

"Desafio qualquer cidadão a apresentar provas: nunca vi lista alguma nem o senador Antonio Carlos jamais me fez considerações dessa espécie. Nego totalmente."

"Nunca vi nenhuma lista. Nunca a pedi nem a recebi. Nunca fui informado sobre ela. O senador Antonio Carlos Magalhães nunca fez nenhuma consideração a esse respeito."

"Não conhecia, não vi, não tomei conhecimento, não fui informado e não sei se existe a tal lista de votação."

"Parabéns, é isso'. Não sei a palavra exata. Não havia naquele instante a idéia de uma coisa errada. Havia a idéia de uma coisa que eventualmente tinha sido feita para se preservar a segurança do pleito. Se some a isso uma característica talvez negativa, que é a curiosidade, tá certo! Não vou negar isso."

O CONTEÚDO DA LISTA

"Feita a ligação eu saí da sala. Quero deixar claro que não fiz cópia (da lista). A única cópia que me foi entregue foi essa, entregue a ele. Memorizei, para ser bem verdadeiro, algumas das informações ali contidas. Mas diria que, impossível, se me fosse solicitado, repetir nome a nome. Memorizei algumas poucas informações. E a partir daí nunca mais toquei nesse assunto."

A RESPONSABILIDADE

"Nenhum de nós (Arruda e ACM), até aquele instante em que recebi aquela lista, tínhamos pensado, objetivamente, numa lista. Me parece que a doutora Regina foi muito fiel, não estou dizendo as palavras, mas sim o espírito das conversas que tivemos e das coisas que aconteceram. O que ficou claro é que, se o sistema, como se dizia no Senado, permitia aos técnicos do Prodasen ter acesso àquelas informações, o senador ACM queria ter certeza disso, queria ter essa informação, até para ter absoluta convicção de que a votação se realizaria da forma correta. Ela (Regina Borges) ao trazer a informação, tinha os dois caminhos: se, tecnicamente, fos-

TRÊS VERSÕES

Como Arruda mudou sua história ao longo dos dias



Novamente na tribuna, já depois do depoimento de Regina Borges no Conselho de Ética, Arruda negou o pedido da lista, mas admitiu ter feito uma consulta à ex-diretora:

"Numa conversa com o senador Antonio Carlos Magalhães, (...) surgiu a dúvida se esses votos no Senado, quando secretos, eram ou não conhecidos pelos técnicos do Prodasen. Saí do encontro com a incumbência de indagar sobre essa possibilidade à dra. Regina."

"É preciso ficar claro que não pedi, muito menos determinei, em meu nome ou no nome do presidente Antonio Carlos Magalhães, que sua senhoria obtivesse a lista. Apenas consultei-a sobre se acontecia."

se possível corrigir (eventuais quebras de sigilo do painel eletrônico) ou, se não fosse possível, ter os votos mesmo para ter certeza, conferir mesmo. Vendo hoje, acho que poderia ter essas duas interpretações. Com qual interpretação que saiu da minha casa a doutora Regina? Me parece óbvio que será que ela pensou em fazer uma coisa errada ou ela pensou em fazer para dar cobertura àquela dúvida inicial de segurança? Eu acho que foi pela dúvida inicial de segurança, até porque, pelo que conheço dela, não é uma pessoa com outro tipo de atitude. O resultado desse processo, visto hoje, é terrivelmente contrário ao que exponho."

A CRÍTICA

"O que foi feito foi uma consulta. E o que se esperava era uma resposta. Vamos admitir, no terreno das hipóteses, que ela procurasse o senador Antonio Carlos no outro dia e dissesse: 'O senador Arruda fez aqui em seu nome uma consulta e eu quero dizer que o sistema tinha falha. O que é que o senhor fala? O que é que o senhor determina?' Outro sistema? Vamos falar claramente? Teria sido isso o correto. Ficou claro que ela retornaria e ela mesmo diz no depoimento que não retornou. As razões ela mesma pode explicar e acho que já explicou dizendo que estava na correria. Se me perguntarem: 'Quando é que o senhor ficou sabendo que quatro ou cinco pessoas foram envolvidas, trabalharam de madrugada?' Depois, só depois do episódio dos procuradores.



Em depoimento no Conselho de Ética Arruda contou que a consulta foi feita com ênfase especial

"Dra. Regina, sobre a boataria no Senado (a respeito da possibilidade de violação), o presidente Antonio Carlos me pediu que lhe fizesse uma consulta: quando o voto é secreto, vocês ficam sabendo no Prodasen? Se ficam sabendo, ele quer essa informação."

ArtEstado/Vlad

Será que se ela chegasse ou para mim, o problema não era comigo, era com o senador Antonio Carlos, e dissesse: 'O sistema tem fragilidades e para o senhor ter segurança sobre o resultado da votação...' Porque disso eu tenho certeza, a motivação da consulta foi a questão da segurança. Até porque ter a lista depois e não ter nada não faz diferença nenhuma. Naquele momento, se ela dissesse para o senador Antonio Carlos, no terreno das hipóteses: 'Olha aqui, dá para fazer, só que vou acordar um cara de madrugada, vai entrar escondido, não sei o que.' Aí para nós, será que teria ordem para fazer? Vocês perguntaram para a doutora Regina se foi uma ordem, ela disse que não. Perguntaram para o marido dela (Ivar Ferreira Alves), ele disse que não. Perguntaram para o senador Antonio Carlos, ele disse que não. Perguntaram para mim, eu disse que não. Uai, o que é que eu posso fazer?"

A RESPOSTA

"Eu não recebi essa ligação (referindo-se ao telefonema que a ex-diretora do Prodasen afirma ter dado na manhã do dia 28, para dizer que o acesso à votação seria possível). Todos os dias quando chego ao Senado deixei o telefone com a secretária e vou para o meu gabinete. A partir daí todas as ligações que chegam são atendidas diretamente no celular ou naquele sistema de transferência. Quando me dirijo para o plenário um dos meus auxiliares vai com o celular. O que posso afirmar com toda a certeza é que não recebi telefonema da dou-

tora Regina, não falei com ela e isso está no depoimento dela."

A ACAREAÇÃO

"Acho que precisa fazer essa acareação logo. Fica esse negócio, vira um problema político e não estou acostumado com isso. Acho que cometi uma falha, confessei que cometi uma falha. Acho que isso aqui tem de ter... Vamos fazer acareação logo. Quero dizer do meu respeito pela doutora Regina. Acho que tudo que ela falou o espírito é aquele mesmo. Se ela quer que eu diga que ela não cometeu uma precipitação que venha aqui. Eu vou dizer que ela cometeu. Ela disse que ligaria e não ligou. O senador Antonio Carlos não foi consultado, o que é que eu posso fazer? Se agrada a ela ou não, o meu compromisso é com a verdade, sinto muito."

O VOTO SECRETO

"Particularmente acho que o voto secreto, que está passando a impressão que era uma coisa rigorosíssima, nunca foi. Me lembro de episódios de vários senadores, que estão aqui presentes, que chegaram depois de uma votação secreta e disseram: 'Senador, na votação anterior meu voto foi tal.' Aí o Mesa o repreende porque é anti-regimental, isso em votações muito importantes. Se os senhores pegarem os jornais do dia 28 (de junho, quando foi votado o pedido de cassação de Luiz Estevão) há um jornal (Correio Braziliense) que acertou o número exato, 52 votos. O voto secreto num conjunto de 81 pessoas, (quando) 70 dizem claramente qual é seu voto, não é secreto. Tenho ouvido das pessoas mais humildes: 'Porque o voto é secreto?', 'Alguém está querendo fazer uma falcatura com o voto?', 'Votando diferente do que os seus eleitores imaginam?', 'Por que não é aberto de uma vez por todas?' e 'Qual é a culpa?'. A culpa é da curiosidade de ter visto uma lista que muitos acham que deveria ser pública."

O TEOR DA LISTA

"É preciso dizer bem claro que após aquele dia... Eu não tinha a lista, não tirei cópia, memorizei muito pouco."

O EX-SENADOR LUIZ ESTEVÃO

"É preciso ler o texto (seu discurso na tribuna do Senado) como ele é. Poderiam ser citados vários episódios em que a natureza não configuraria infração regimental, mas questões de outra ordem. Não dá para comparar o episódio atual com o da cassação do ex-senador Luiz Estevão, em que as questões eram de natureza moral e criminal. Eu nunca mexi com dinheiro público e não estou envolvido com corrupção. Embora na mídia, vai tudo para a vala comum. O castigo, que já estou sofrendo, é desproporcional à eventual culpa."

OS SERVIÇOS PRESTADOS

"Os casos dos bancos Marka e FonteCindam, num primeiro momento, eu achei gravíssimo, eram 20 milhões de dólares. Quando vieram as explicações do governo eu compreendi que aquilo teria sido feito em um momento de gravidade para o País. Não vi naquilo do e, a partir daquele instante, defendi com muita ênfase."

SENADORA HELOÍSA HELENA

"A resposta é não falo (sobre o voto da senadora). A não ser que esta comissão de ética faça uma consulta jurídica e se a senadora fizer questão que eu faça esse ato. No caso específico da senadora Heloísa Helena (PT-AL), temos divergência em tudo. Agora uma coisa que eu tenho por ela é respeito, até um certo orgulho de uma pessoa de origem humilde, que não se transforma, e chega ao Senado."

DÚVIDAS NO AR

Pontos obscuros deixados pelos depoimentos no Conselho de Ética

- Se recebeu a penas uma consulta sobre o grau de segurança do painel de votações, como sustenta José Roberto Arruda, por que a ex-diretora do Prodasen Regina Borges agiu como se tivesse recebido uma ordem para conseguir a lista de votação e comandou uma operação para violar o painel?
- Por que a ex-funcionária do Prodasen não procurou Antonio Carlos Magalhães para confirmar o pedido que lhe fora apresentado por Arruda em seu nome?
- Se ACM não pediu a lista de votos, por que aceitou receber o documento e ainda telefonou para Regina Borges a fim de tranquilizá-la e agradecer pelo trabalho?
- Se o seu nome foi usado indevidamente, como sustentou em depoimento, por que o ex-presidente do Senado manteve silêncio e não tomou nenhuma medida para punir Regina Borges e Arruda?
- Se escondeu a lista para preservar a imagem do Senado e o resultado da votação, por que ACM continuou negando a existência do documento mesmo após a divulgação de laudos da Unicamp comprovando que o painel tinha sido roladado?
- Se Arruda também não tinha pedido a lista, por que não cobrou uma atitude do então presidente do Senado tendo consciência de que praticara uma ilegalidade?
- Se Arruda não pediu a lista, nem deu uma ordem para que fosse conseguida, por que os funcionários do Prodasen trabalharam de madrugada para garantir que o documento fosse conseguido na manhã seguinte?
- Se era só uma consulta, por que o assunto foi tratado com sigilo e urgência, durante reuniões fora do ambiente de trabalho e encontros furtivos entre Arruda e Regina Borges dentro de um automóvel?
- Se Arruda não pediu a lista, por que recebeu uma ligação de Regina Borges em seu celular, na manhã seguinte à votação?

ArtEstado